



RELATO DE EXPERIÊNCIA

O ESTÁGIO EM SOCIOLOGIA: engajamento, estética negra e formação docente no Recôncavo da Bahia

Bruno Rodrigues Durães¹

Daniela Almeida Silva Silveira²

Resumo

Apresentamos aqui uma experiência de estágio em sociologia para a formação docente, do curso Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A abordagem utilizada foi qualitativa, baseada em observações e vivências. O estágio foi realizado no Colégio Estadual Alberto Torres (CETEP II), na cidade de Cruz das Almas-Bahia. Concluimos que o estágio pode vir a ser um momento crucial para o despertar do interesse pela docência, sendo o ápice do processo formativo acadêmico. No caso aqui descrito, este florescer do encantamento e engajamento com o ensino, foi acompanhado por situações que expuseram limites e desafios que levaram à compreensão do espaço de sala de aula como espaço dinâmico e multifacetado.

Palavras-chaves: Estágio curricular. Ensino de sociologia. Estética negra. Engajamento.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Política Social Territórios (POSTERR) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e de Sociologia da mesma instituição. *E-mail:* bruno@ufrb.edu.br

² Socióloga e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). *E-mail:* danieladasilveira_cientista@outlook.com

Abstract

We present here an internship experience in sociology for teacher training, from the Social Sciences Degree course, at the Federal University of Recôncavo da Bahia. The approach used was qualitative, based on observations, experiences. The internship was held at Colégio Estadual Alberto Torres (CETEP II), in the city of Cruz das Almas-Bahia. We concluded that the internship may prove to be a crucial moment to awaken interest in teaching, being the culmination of the academic training process. In the case described here, this flourishing of enchantment and engagement with teaching, was accompanied by situations that exposed limits and challenges that led to the understanding of the classroom space as a dynamic and multifaceted space.

Keywords: Curricular stage. Sociology teaching. Black aesthetic. Engagement.

INTRODUÇÃO

O estágio curricular é a oportunidade que o/a estudante de licenciatura tem de colocar em prática os ensinamentos que tiveram durante as disciplinas da graduação (teoria) e desenvolver sua práxis como processo formativo, como pontua Fávero (1992), quando diz que não é só frequentando um curso que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se como construtor/a de uma práxis.

Conforme Pimenta e Lima (2006, p.06), o estágio é

[...] um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa [...].

Para as autoras citadas, o estágio não pode ser reduzido a uma atuação prática instrumentalizada ou a uma técnica ou um modelo a ser seguido. Ao contrário, o estágio é também campo de formação teórica (e de pesquisa) e prática, ao mesmo tempo que ocorre a efetiva junção da vivência, experimentação

com o saber que será edificado. Essa prática e teoria conjugada conforma a ideia de transformação da realidade. Logo, o estágio tem também um caráter efetivo de ação e atuação. As autoras denominam esse processo de “práxis” (PIMENTA; LIMA, 2006, p.07) e dizem que isso se efetiva com a compreensão da profissão docente como “prática social” (Id., ibid., p.11), que representa “[...] uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação” (Id., ibid., loc cit).

Ademais, o estágio prepara o aluno para o dia a dia da escola, rotinas de reuniões, planejamentos de aulas, problemas concernentes à prática docente, situações inesperadas típicas da Escola (problemas de infraestrutura etc.), assim como funciona como o momento de vivência imediata da realidade escolar. Ele possibilita que o estudante se encontre e se perceba como um ser atuante no processo didático e veja as dificuldades e possibilidades inerentes ao contexto educativo como um todo. Nessa perspectiva, o estágio representa um “choque” de realidade, que muitas vezes causa estranhamento, mas também possibilita pensar estratégias, adquirir e produzir saberes.

1 **O ESTÁGIO COMO FORMAÇÃO DOCENTE**

O estágio é um momento formativo por excelência, sobretudo de junção de teoria com prática educativa (PIMENTA, 2012) e de construção de novos saberes. Como diz Oliveira e Barbosa (2013, p.145), “[...] o Estágio possui enquanto grande trunfo a capacidade de trazer o professor em formação para a realidade cotidiana da Escola [...]”.

Outro elemento que aparece no estágio, ainda de acordo com Oliveira e Barbosa (2013, p. 146), é: “[...] perceber o processo de transformação do conhecimento teórico das Ciências Sociais em aula, por meio da mobilização de recursos pedagógicos, e da transformação da própria linguagem [...]”. Entretanto, Oliveira e Barbosa (2013) apontam problemas nesse processo de formação, como o distanciamento da pesquisa com o ensino.

A dinâmica da sala de aula é imprevisível e experimental. Assim, o mundo da educação presencial configura-se sempre como desafiador. Para assimilar e se adaptar às experiências que advém da prática pedagógica, a princípio, faz-se necessário obter uma base de conhecimento (repertório, metodologias e teorias), ter apoio de um supervisor/orientador e oportunidades para realizar trocas de experiências com outros/as licenciandos/as. Esses recursos possibilitam um entendimento circunstancial sobre a dinâmica escolar, suscitam oportunidades para aprender a escutar as demandas que emanam na/da Escola e viabilizam a construção de atuações sintonizadas com as realidades vivenciadas. O supervisor na Escola (professor da disciplina/regente) é de suma importância neste processo, pois são pessoas que conhecem a escola e a sala de aula. Nesse momento, a troca de experiências e o acompanhamento são primordiais. Oliveira e Barbosa propõem questões fundamentais para entender o espaço escolar, as quais auxiliarão no planejamento da atuação docente:

[...] quais são os recursos didáticos que despertam um maior interesse dos alunos nas aulas de Sociologia? Quais tipos de leituras são mais chamativas? Quais as atividades conseguem mobilizar de forma mais enfática os alunos? Quais os temas que despertam o maior interesse? Quais conceitos e teorias são mais facilmente ou dificilmente assimilados? (OLIVEIRA, BARBOSA 2013, p.146).

Cabe afirmar que o processo de formação para professor não é um processo de uma única via, ao contrário, você ensina e aprende, um processo de troca de mão dupla (NEVES; MELO, 2012) – como diz Paulo Freire (2013), um processo “dialógico”. Outro ponto que precisa ser ressaltado nesse fazer curricular do estágio, refere-se ao ato de respeito em relação ao espaço educativo. Corresponde ao processo de saber ouvir e respeitar o Outro. Esse elemento também é um ato educativo (OLIVEIRA, 1996).

Oliveira e Barbosa (2013) trazem a ideia de que o estudante estagiário pode ser uma espécie de interlocutor do professor/a da Escola. Contudo, ressalta-se que há situações adversas nesta experiência (contato), quando, por exemplo,

tem-se a ausência de profissionais adequadamente formados na área e/ou docentes já desiludidos. Portanto, a experiência prática é fundamental, pois será o momento de saber limites e desafios da docência.

Diante da análise do processo educativo acima descrito, verificamos a importância de se ter a disciplina de Sociologia nas escolas. Como dizem Bodart e Sampaio-Silva (2019, p. 06), falando sobre a importância da área, caberia a Sociologia na escola: “[...] possibilitar a instrumentação de nossos jovens para pensar e problematizar o mundo social a partir de uma perspectiva desnaturalizada”.

A escola, certamente, é um ambiente diverso – espaço heterogêneo e de formação cultural e social, espaço de definição de identidades e de humanização. Diz a professora Nilma Gomes:

[...] a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade (GOMES, 2002, p.40).

A professora Nilma ressalta que a educação e os/as educadores/as precisam se atentar para debates que são silenciados na escola, como, por exemplo, a discussão racial. Sem dúvida, hoje, em 2020, já avançamos, mas ainda temos muito para fazer. A professora diz, como horizonte no caso da educação escolar e questão racial: “[...] pode ser a construção de um olhar mais alargado sobre a educação como processo de humanização [...]” (GOMES, 2002, p.40).

Essa proposta da autora é uma possibilidade que também está presente no estágio curricular³ da UFRB, pois, com o estágio, os/as licenciandos/as podem levar diferentes olhares de fora da escola para dentro e ver de dentro as identidades e conflitos existentes e problematizar esses elementos estruturantes, bem como propor oficinas/ações que valorizem as temáticas que tenham emergido no processo educativo.

³O curso de Licenciatura em Ciências Sociais na UFRB conta em sua grade curricular com III Estágios são eles: Estágio I observação, Estágio II tem por objetivo a aplicação do Projeto de Imersão e o Estágio III que é o Estágio Regência.

Esse foi o caminho adotado pela discente Daniela da Silveira, no relato que iremos apresentar como análise prática⁴. Ela, no seu período de estágio e de atuação no programa de Residência Pedagógica (que teve a coordenação do Prof. Dr. Luis Flávio Reis Godinho – 2018), já vinha vivenciando o ambiente escolar e realizando seu processo de escuta sobre as “vivências corpóreas” dos negros/negras (GOMES, 2002) na Escola, que depois culminou com um belíssimo projeto de imersão, o qual aliou teoria aos elementos práticos e culturais da Escola. Inclusive, conseguiu aguçar a sensibilidade para entender o coletivo da turma em que atuava (pontos comuns), levando em conta as dinâmicas externas, como a violência policial e o estigma vivenciado pelos estudantes, o ser negro em uma Escola pública. Ademais, também alcançou as particularidades de cada estudante (singularidades), fazendo o exercício processual, como aprendiz de professora, de olhar os pontos homogêneos e os heterogêneos e relacionar isso com o conteúdo pedagógico, congregando teoria, prática e criatividade.

Outro ponto da experiência de estágio da discente a ser evidenciado foi a captação dos sentidos do “chão da escola” (RIBEIRO, 2018). Ela entendeu os fios invisíveis que ocorriam, como na particularidade de cada aluno/a, como dito. Todavia, foi além, conseguiu construir pontes com estudantes, gerando momentos de identidade/reconhecimento entre educando e educador. A discente estabeleceu relação com um aluno que ouvia a música do Racionais *MC's*, com uma estudante que estava grávida (adolescente) e com outra que nunca tinha deixado o cabelo natural (crespo), mas que sofria pressão social e familiar para alisar o cabelo (usar produtos químicos de alisamento). São questões que apareceram no seu TCC⁵ da Licenciatura em Ciências Sociais e que serão retomadas aqui. A metodologia utilizada nesse relato de experiência é qualitativa, com observação

⁴A discente é Socióloga, formada em Licenciatura em Ciências Sociais, na UFRB, em 2019. O presente texto utilizou, como base de análise, o relato de estágio da própria coautora do texto, que na época era estudante em formação, orientada pelo Prof. Bruno Durães (coautor).

⁵Daniela da Silveira, apresentou como Trabalho de Conclusão de Curso o Memorial Descritivo com o título: “Pedagogia Engajada: Africanidades e Estética Negra das/os Estudantes da Escola profissional Alberto Torres em Cruz das Almas-Ba” (2019).

participante e tem por objetivo apresentar a experiência de estágio para a formação docente.

Na UFRB, o curso de bacharelado e licenciatura andam lado a lado e Durães (2018) explica que esse processo de singularidade da licenciatura no Recôncavo ocorre em 3 vias: pela unidade entre bacharelado e licenciatura; pelo caráter do curso formar professor-pesquisador; e, pelo fato de existir 5 laboratórios de ensino, pesquisa e extensão como obrigatórios dentro da matriz do curso. Diz o professor sobre os laboratórios temáticos (questões raciais/gênero, trabalho, meio ambiente/cidadania, cultura e realidade brasileira):

A ideia central desse componente Laboratório é

[...] construir um *espaço teórico e prático (de concepção e experimentação)*, em que o saber seja construído, vivenciado coletivamente, pensado, indagado, criado e recriado [...] na prática inserida em ambiente escolar e não-escolar. A proposta é que se construam não apenas reflexões teóricas [...], mas que [...] os estudantes possam, em conjunto com os docentes, construir e vivenciar materiais e recursos didático-pedagógicos e desenvolver atividades de intervenção, tratando da formação de professores (do ser, do ouvir, do conhecer, do conviver e do fazer como professor) [...] (DURÃES, 2018, p. 97).

A licenciatura em Ciências Sociais da UFRB funciona com três estágios curriculares, cada um com 136 horas, como dito. O estágio I visa observar o contexto escolar e a relação dos estudantes com a sociologia e entender o espaço sociocultural (UFRB, 2019). Por certo, a Escola é um espaço diverso no aspecto sócio cultural (DAYRELL, 2001). Cabe ressaltar que o processo de observação da aula não se limita apenas à aula. Existe uma exigência para que ampliem o olhar, procurando observar os diferentes “sujeitos” ou o “chão da Escola” (RIBEIRO, 2018), assim como as interfaces que ocorrem nos corredores e fora da sala (pátio e lugares de sociabilidades dentro e fora da escola). O Estágio II objetiva a aplicação de projeto de imersão na escola. Por fim, o Estágio III tem como objetivo as atividades práticas, desenvolvidas durante o Estágio Regência, que é o momento de exercer a docência. Na seção abaixo, é apresentada a trajetória acadêmica da então discente Daniela Silveira, que se constituiu como

uma atividade de pesquisa do seu Trabalho de Conclusão de Curso, como evidenciado anteriormente.

2

FAZENDO-SE DOCENTE A PARTIR DO OLHAR DA DISCENTE

Durante o estágio I, meu olhar foi preparado para o movimento da escola. Nas minhas observações, percebi que havia no ar uma rispidez que ainda não conseguia entender. Fiz observação de aulas a convite da professora regente e pude presenciar a rotina da sala. Percebi uma animosidade com a minha presença. Após as aulas, refletia sobre isso de maneira crítica e pensei em uma possível saída: deveria me aproximar dos alunos. Nessa perspectiva, passei a buscar interações a partir dos assuntos abordados.

Observei a música que um aluno escutava no corredor e, na aula seguinte, falei sobre como a música era também um retrato da sociedade e que a banda que ele estava escutando, Racionais MC's, falava sobre desigualdades sociais e raciais. Era um protesto para quem não tinha voz. Depois disso, ele passou a me perguntar corriqueiramente se tinha alguma música em relação aos assuntos abordados.

Um dia perguntei a esse mesmo aluno por que ele às vezes se comportava de maneira ríspida e o mesmo me afirmou que precisava se fazer respeitar e ser durão. Interpretei sua resposta considerando que, geralmente, somos levados a categorizar as pessoas e isso nos leva muitas vezes a ter uma visão estereotipada do outro. Goffman (1988) propõe que a Identidade Social pode apresentar uma dimensão virtual e outra real. Nossas exigências se referem a características “esperadas” (dentro do quadro de expectativas), o que gera, no outro, uma identidade social virtual, enquanto as características e atributos que o sujeito possui, forma a sua identidade social real.

Durante o projeto de imersão na escola, que faz parte da atividade do Estágio II, estava sempre tentando trazer exemplos próximos da realidade dos alunos e fomentar as discussões e interação em sala de aula. Segundo Hooks

(2013), é importante reforçar com os alunos suas experiências de vida e usar como exemplo para as discussões teóricas em sala de aula. A proposta de educação popular deve proporcionar aos educandos serem protagonistas de seu processo de construção de conhecimento, não mais ouvintes passivos de uma educação bancária (FREIRE,1987). A intenção do projeto de imersão, que teve como título Estética Negra das/dos Estudantes Negra(o)s na Escola Alberto Torres, foi trazer a discussão sobre raça e racismo, para que pudessem refletir de maneira crítica sobre a cultura de dominação sobre seus corpos. Esse projeto teve duração de 24 horas e foi dividido entre aulas e oficinas. Na preparação das aulas, pude colocar em prática as lições que aprendi nas aulas dos Estágios, Didática e nas disciplinas de Laboratórios. De acordo com Bueno (2009, p. 07), “[...] o projeto de intervenção é um objeto muito rico a ser explorado [...]: ele pode mostrar o olhar que o aluno tem sobre o professor e o seu olhar como professor”.

A prática docente é sedutora para pessoas que acreditam na mudança e pensamos que é necessário um grande feito para mudar a vida do outro, mas o professor tem essas pequenas possibilidades. Segundo Lima e Pimenta (2006, p. 11), a profissão de educador é uma “prática social” (como dito). É uma forma de intervir na realidade social. Um dos relatos (de uma garota) em sala de aula contava que alisava o cabelo desde os 8 anos de idade e nem lembrava mais como era seu cabelo natural. Uma outra disse que tentou assumir os cabelos crespos, mas desistiu depois que alguns colegas disseram que o seu cabelo parecia uma vassoura de bruxa. Para o corpo negro, o assunto cabelo emerge questões espinhosas, até mesmo para aqueles que conseguem algum tipo de ascensão social. Ele está presente nos diversos espaços nos quais os negros se socializam e se educam: a família, as amizades, as relações afetivo-sexuais, o trabalho e a escola. Para esse sujeito, o cabelo carrega uma forte marca identitária e, em algumas situações, é visto como marca de inferioridade (GOMES, 2003). A escola representa abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família e no círculo de amigos.

Os estágios foram fundamentais para treinar o olhar para a complexidade da realidade. O projeto de imersão na escola possibilitou experimentar qual o tipo de profissional seremos. A condição de docente da disciplina de sociologia é um desafio prazeroso, a dinâmica da sala de aula é singular e fantástica. O ato de ensinar não deve ser sempre fiel ao que foi pensado ao preparar a aula. É importante que os alunos se sintam também responsáveis sobre a condução das discussões, pois o conhecimento deve ser compartilhado. Deixar que as aulas fluam, sem seguir à risca o plano, é um desafio e dessa liberdade pode nascer momentos enriquecedores. Segundo Oliveira (2019), “ser professor” é algo que emerge ante às condições objetivas encontradas, e no ofício de educadora, é importante estar atenta aos sinais e perceber que é um caminho cumulativo e contínuo.

Segundo o relato discente ora apresentado, percebemos que o estágio está para além da prática ou reprodução de conteúdos ou transposição ou técnica a ser aprendida. Ficou evidente que o estágio é um momento peculiar de formação e é quando se materializa a ideia de “prática social” (LIMA; PIMENTA, 2006, p. 11), pois teoria, prática e reflexão se encontraram. Contudo, essa experiência deveria ser disponibilizada em mais oportunidades durante o curso de licenciatura.

Outrossim, ressaltamos a importância de perceber que o processo educativo pode ser também de engajamento/libertação, como disse Bell Hooks (2013). Essa abordagem foi representada a partir da discussão de temas invisibilizados no cotidiano escolar, como, no caso tratado, da estética negra e questão racial. É imprescindível colocar essas questões no centro do ensinar e do aprender, como disse Nilma Gomes (2002). Portanto, a educação é constituída de diversas dimensões e não pode ser reduzida ao conteúdo disciplinar. A educação está para além do instituído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato que colocamos em tela é bastante relevante, além de ser fonte de estímulo para outros aprendizes de professores/as. Ele possibilita visualizar a experimentação de abordagens e atuações, mostrando como o processo de formação docente é de descobertas. Estas se dão pela comunhão do conhecimento teórico com a autonomia e sensibilidade do próprio estudante (isso em si é teoria e prática) e com a supervisão e apoio dos professores da Escola/Universidade. Portanto, este processo representa um ato formativo plural, que envolve várias pessoas. Ou seja, a prática pedagógica (o ato de estudar e de ir à Escola) representa o momento central de um curso de Licenciatura e é insubstituível. Isso representa o ponto de partida e o de chegada na formação de professores, pois representa o momento da materialização da construção de saberes na prática.

Outro elemento suscitado e que consideramos ser um marcador essencial para condição docente é o ser tocado pela vontade de ensinar e de aprender. A docência é antes de tudo gostar, acreditar e sentir. Ser professor é saber que sua possibilidade de mudar o mundo é pequena, porém, é preciso ser firme no propósito de que educar é transformar vidas, ainda que em pequenas escalas. Outrossim, é saber que a própria vida como docente nunca mais será a mesma.

Dessa maneira, acreditamos que o estágio curricular representa, antes de tudo, um momento de possibilitar esse encanto. Ele funciona como um momento de aprendizado e acúmulo, em que o conhecimento nunca é acabado e nem absoluto, ao contrário, ensinar é trocar e aprender mais e sempre (aprende com os/as estudantes ao tempo em que ensina).

Por certo, ser professor/a é um constante desafio. A cada semestre ou ano, vai ter uma turma diferente, que é muito rica por um lado, mas também guarda desafios. O docente é sempre testado e avaliado pelo conjunto de sujeitos da Escola e por ele mesmo. Além disso, ainda existe um mundo pulsante fora da Escola de problemas que chegam à Escola, sobretudo quando falamos em escolas públicas. Ou seja, ser professor é assumir uma profissão prestigiosa, por participar da formação das pessoas, mas também é uma profissão difícil. Muitos

tentam, mas nem todos se tornarão, pois têm que ter uma coisa a mais, uma vontade incansável de seguir adiante na arte de educar.

É importante frisar esse aspecto da presencialidade permitida pelo estágio e da riqueza de caminhos que se abrem nesse momento. Existe uma gama de sentidos culturais, simbólicos, raciais e de trajetórias que só podem ser apreendidos com a ida aos lugares, com a observação direta, com o ato de sentir e interagir com/nos ambientes, processualidades e ampliação do olhar (observação e imersão), inclusive para ver detalhes da Escola, que ficavam invisíveis – como no relato analisado nesse texto, em que a temática da estética negra ganhou relevância, graças a sagacidade da discente em perceber a importância da promoção da discussão sobre a temática para os alunos da escola em que se inseriu, levantando e problematizando discursos. Dessa maneira, a experiência da discente cumpriu o papel de promover a interlocução de diferentes saberes no espaço escolar, possibilitando a troca Universidade e Escola, mas isso graças ao acúmulo formativo da discente e ao despertar de perspectiva (visão/olhar), que também é algo muito cobrado em cursos de ciências sociais.

De fato, a educação escolar permanece como um grande desafio, por vezes um lugar solitário e com frustrações, mas também representa um espaço aberto, encantador e fabuloso de aprendizagens e (re) descobertas, dialógico, de engajamento, do sonhar, que se realiza na prática e no contato com os sujeitos da Escola. Logo, é um espaço eminentemente dialético e de possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BODART, Cristiano; SAMPAIO-SILVA, Roniel. *O ensino de sociologia no Brasil* (volume2). Maceió: Editora Café Com Sociologia. 2019.

BUENO, Luzia *et al.* *A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio*. FAPESP, 2009.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. 136-161.

DURÃES, Bruno. A Licenciatura em Ciências e o Ensino de Sociologia no Recôncavo da Bahia: formação e prática através de pesquisa, ensino e extensão. In: *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (CABECS)*, vol. 2, nº 1, p. 92-114, jan./jun., 2018. Disponível em: <https://abecs.com.br/revista/index.php/cabecs/article/view/133/80>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

FÁVERO, Maria L.A. Universidade e estágio curricular: subsídios paradiscussão. In: ALVES, Nilda (org.) *Formação de professores: pensar e fazer*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, Dec. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso>. access on 30 May 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. *Póiesis Pedagógica*, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. Acesso em 16 de novembro de 2020. <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542/7012>.

OLIVEIRA, Amurabi; BARBOSA, Vilma Soares Lima. Formação de professores em Ciências Sociais: desafios e possibilidades a partir do estágio e do PIBID. *Revista Inter-Legere*, n. 13, 2013.

OLIVEIRA, Amurabi. Trajetórias e práticas pedagógicas entre professores de sociologia. *Revista Diálogo Educacional*, v. 19, n. 60, 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v.39, n.1, 1996.

NEVES, Ana Beatriz Maia; MELO, Camila. “Professor regente e licenciandos no estágio supervisionado da prática de ensino: quem aprende com quem?”. In: HANDFAS, Anita; PIMENTA, Selma Garrido. *O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?*. São Paulo: Cortez, 2012.

RIBEIRO, Paulo R. de O. No chão da escola se constrói a arte docente: memorial descritivo dos estágios supervisionados I, II e III. TCC de conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Sociais. Cachoeira: CAHL/UFRB, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais*. Cruz das Almas: CAHL/Licenciatura em Ciências Sociais/UFRB, 2019.

Recebido em: 24 set. 2020.

Aceito em: 01 dez. 2020.

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO:

DURÃES, Bruno Rodrigues; SILVEIRA, Daniela Almeida Silva. O estágio em Sociologia: engajamento, estética negra e formação docente no Recôncavo da Bahia. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. CABECS, v.4, n. 2, p.19-32, 2020.